



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

JÉSSICA PEDRO AMORIM

**“O MÁGICO DE OZ”: AS POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA SOBRE
ASPECTOS DA CONDIÇÃO HUMANA**

**GUARABIRA - PB
2021**

JÉSSICA PEDRO AMORIM

**“O MÁGICO DE OZ”: AS POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA SOBRE
ASPECTOS DA CONDIÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Letras-
Português.

Área de concentração: Literatura infantil
e juvenil

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A524m Amorim, Jéssica Pedro.
"O Mágico de Oz" [manuscrito] : as possibilidades de uma leitura sobre aspectos da condição humana / Jessica Pedro Amorim. - 2021.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Representação. 3. O Mágico de Oz. 4.
Leitor crítico. I. Título

21. ed. CDD 808.068

JÉSSICA PEDRO AMORIM

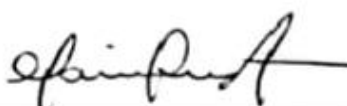
"O MÁGICO DE OZ": AS POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA SOBRE ASPECTOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras-Português.

Área de concentração: Literatura infantil e juvenil

Aprovada em: 01/10/2021

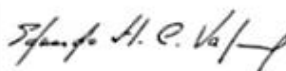
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma Clara Mayara de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe Graça (in memoriam), que sempre esteve ao meu lado e nunca me deixou desistir, acreditando na minha capacidade, me apoiando em todos os momentos e me incentivando a seguir em frente com meus objetivos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus, por todas as bênçãos em minha vida, por nunca me desamparar e está sempre guiando os meus passos, pela garra e perseverança que tem me concedido para seguir em frente nessa jornada acadêmica apesar de todas as barreiras e dificuldades que surgiram pelo caminho.

À Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa, por ter aceitado me orientar, e por toda paciência, atenção, dedicação e empenho em passar os conhecimentos ao longo dessa orientação que contribuíram para o desenvolvimento e concretização desse trabalho.

À minha mãe Graça (in memoriam), que sempre compartilhou desse sonho comigo, me apoiou e me incentivou a seguir em frente, e embora tenha partido desse mundo espiritual antes que esse sonho pudesse ser concretizado, sei que onde quer que esteja, está feliz, pois essa conquista é nossa. Apesar de sua ausência física, sei que sempre esteve ao meu lado, dando-me força e inspiração, colaborando efetivamente nesta caminhada.

À minha família, em especial, as minhas irmãs e sobrinhos pela paciência e compreensão durante essa jornada acadêmica, pelo apoio e incentivo diante das dificuldades, sempre torcendo para que tudo pudesse dar certo.

Aos amigos Deviane e Fabrício, pelo apoio, companheirismo e amizade, que construímos ao longo dessa jornada, por todos os momentos importantes e únicos que tivemos a oportunidade de vivenciarmos juntos. E hoje eu fico feliz em afirmar que é uma amizade diretamente da universidade pra vida.

Agradeço aos professores que fizeram parte da banca examinadora Clara Mayara e Eduardo Valones, pela leitura e contribuições em meu TCC, e por fim, agradeço aos professores da UEPB, que fizeram parte de todo esse processo acadêmico, contribuindo para minha formação profissional.

UM DESEJANDO O OUTRO

Nossa vida flutuando em dois espaços,
Um real – outro fantástico imaginário,
E nesse encontro do real maravilhoso
Ficamos presos, partidos aos pedaços!

Estando em um, desejando o outro
Vivemos então o momento majestoso,
Onde tudo é possível na fantasia criada,
E no equilíbrio desse mundo maravilhoso!

Encontramos a felicidade sempre imaginada
Para amenizar a solidão do ser que espera
Esmagado na realidade do viver em nada!

Buscando no fantástico irreal das madrugadas
As ilusões de outrora e perdas da alma lavada!
Das melodias, as quais ouvimos na noite passada!

(Maria Augusta da Silva Caliari, 2018)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A LEITURA LITERÁRIA EM SEU PAPEL HUMANIZADOR: UM DIREITO PARA FORMAÇÃO LEITORA.....	9
3	LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	10
4	O FANTÁSTICO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	14
5.	A LITERATURA SOB O VIÉS DO MARAVILHOSO.....	16
6.	AUTOR E OBRA: FRANK BAUM E <i>O MÁGICO DE OZ</i>	17
7.	OS VALORES NO MUNDO DE OZ PARA O LEITOR.....	19
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	25

“O MÁGICO DE OZ”: AS POSSIBILIDADES DE UMA LEITURA SOBRE ASPECTOS DA CONDIÇÃO HUMANA

"THE WIZARD OF OZ": THE POSSIBILITIES OF A READING ON ASPECTS OF HUMAN CONDITION.

JÉSSICA PEDRO AMORIM¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo uma leitura das representações simbólicas sobre os valores humanos presentes na obra *O Mágico de Oz*, escrita por Lyman Frank Baum, em 1900, destacando as possibilidades no desenvolvimento da leitura crítica. Para tanto, o interesse esteve em tecer uma leitura comparativa entre o universo ficcional retratado na obra com a realidade, analisando as falas de personagens principais. Desse modo, a metodologia deste estudo de cunho bibliográfico, utilizada nessa leitura analítica tem abordagem qualitativa. Na fundamentação teórica contamos com a contribuição dos estudos de Candido (2011), Cavalcante (2005), Coelho (1991), Todorov (1981), Fleck (2007), Freire (1989), Propp (2001), Rezende (2008), Traça (1998), Volobuef (2000), Zilberman (2003), dentre outros. Os aspectos abordados revelam o quanto esta obra concebe ao leitor várias possibilidades de interpretação, permitindo uma nova visão acerca dos comportamentos adotados assim como dos valores humanos em destaque.

Palavras-chave: Literatura. Representação. O Mágico de Oz. Leitor crítico.

ABSTRACT

This work is aimed at reading of the symbolic representations about the human values observed in the work *The Wizard of Oz*, written by Lyman Frank Baum, 1900, highlighting the possibilities of developing a critical reading. Therefore the interest was in doing a comparative reading between the fictional universe portrayed in the work and the reality, analyzing the main character's speeches. Thus, the methodology of this bibliographical study, used in this analytical reading, has a qualitative approach. In the theoretical foundation we count on the contribution of studies by Candido (2011), Cavalcante (2005), Coelho (1991), Todorov (1981), Fleck (2007), Freire (1989), Propp (2001), Rezende (2008), Traça (1998), Volobuef (2000), Zilberman (2003), among others. The aspects discussed reveal how much this work provides the reader with various possibilities of interpretation, allowing a new point of view about the behaviors adopted as well as the highlighted human values.

Keywords: Literature. Representation. The Wizard of Oz. Critical reader

¹ Graduanda em Letras- Habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba Campus III. E-mail: jessica.amorim@aluno.uepb.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Considerando os benefícios da prática da leitura e suas contribuições na formação do sujeito leitor, uma vez que ela é essencial para o desenvolvimento intelectual e das interações humanas, é de significativa importância a abordagem de textos do gênero fantástico e do maravilhoso no campo da literatura infantil e juvenil, por abordar diversas temáticas relacionadas à realidade da sociedade, além de se voltar aos conflitos interiores que acontecem com o sujeito.

Nesse sentido é importante que o leitor tenha acesso a uma diversidade de textos e obras literárias para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do senso crítico-reflexivo, principalmente na escola onde os alunos terão acesso a textos voltados para o compromisso pedagógico no desenvolvimento de competências de leitura.

Enquanto linguagem, a literatura tem muito a contribuir no processo de formação de leitores, pois é um bem cultural que auxilia no desenvolvimento da sensibilidade estética, de aspectos cognitivos e linguísticos, e favorece para a compreensão de diferentes saberes sobre a cultura dos povos e lugares, seja do contexto ficcional ou real.

Considerando isso, este estudo tem como objetivo uma leitura das representações simbólicas, focalizando na linguagem verbal, sobre os valores humanos presentes na obra *O Mágico de Oz*, escrita por Lyman Frank Baum, em 1900, destacando as possibilidades no desenvolvimento da leitura crítica. Para tanto, o interesse esteve em tecer uma leitura comparativa entre o universo ficcional retratado na obra com a realidade, analisando os principais personagens.

Propor uma leitura de representações simbólicas presentes em uma narrativa literária, requer verificar como estes elementos são postos frente às situações e contextos que estão inseridos no mundo ficcional e sua relação com o mundo real, possibilitando, assim, explorar posicionamentos crítico-reflexivos do leitor que interage com o texto que lê.

Em função disso, adotamos uma metodologia de estudo de cunho bibliográfico, de abordagem qualitativa. Na fundamentação teórica, contamos com a contribuição dos estudos de Candido (2011), Cavalcante (2005), Coelho (1991), Todorov (1981), Fleck (2007), Freire (1989), Propp (2001), dentre outros. Tais estudos pontuam considerações pertinentes à discussão acerca da leitura, da Literatura infantil e juvenil, da Literatura fantástica e do conto maravilhoso.

A Compreensão é de que, a partir do momento em que há um aprofundamento entre leitor e obra literária, conseqüentemente as impressões reflexivas acerca dos fatos narrados aumentarão. Desse modo, a interpretação e a correlação com a realidade de quem lê torna a leitura mais prazerosa, aperfeiçoando a formação de um leitor crítico.

No processo de leitura, texto e leitor interagem, possibilitando a este realizar criticamente suas impressões, tecendo reflexões acerca dos acontecimentos na narrativa e identificando mensagens ocultas, ou não ditas claramente, fazendo o leitor compreender e interpretar o “novo mundo”. Uma vez tendo acesso e analisando as relações entre o mundo ficcional e a sua realidade, essas experiências tendem a ser muito válidas e significativas na formação do leitor que será capaz de realizar leituras mais aprofundadas e conscientes.

O texto que segue inicia refletindo sobre a leitura literária em seu papel humanizador, trazendo em seguida uma breve contextualização da Literatura infantil e juvenil e, posteriormente, uma abordagem da categoria do fantástico e do

maravilhoso na literatura infantil e juvenil. Apresentamos uma breve biografia de Lyman Frank Baum e a leitura de “*O Mágico de Oz*”, destacando os valores do mundo de Oz e suas relações com aspectos da condição humana.

2. A LEITURA LITERÁRIA EM SEU PAPEL HUMANIZADOR: UM DIREITO PARA FORMAÇÃO LEITORA

Em seu texto “O direito à literatura”, o crítico literário Antonio Candido (2011, p.182) “[...] ela é uma necessidade universal imperiosa, e fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade [...]”. O que o crítico literário destaca é o fato da relevância da literatura ser uma experiência necessária, pois o homem por natureza é um sonhador e, neste processo de contato com o mundo ficcional também aprende, logo a literatura é tida como um bem indispensável para a vida do ser humano, pois contribui fortemente na sua formação humana, individual e social.

No meio educacional, é comum a reflexão sobre a importância do hábito da leitura literária, suas finalidades e contribuições obtidas no desenvolvimento dos leitores. Evidentemente, a prática leitora proporciona inúmeros benefícios tais como o enriquecimento do vocabulário, a expansão de conhecimentos socioculturais, históricos e políticos para o leitor (SILVA, 2017).

Por sua natureza linguística, a literatura acaba sendo um meio essencial para adquirirmos conhecimentos, considerando que, quanto mais se ler, mais aprendemos. Entretanto, seu acesso é considerado limitado por vários motivos, dentre os quais destacamos as condições socioeconômicas, que não possibilita a muitos o acesso a livros para consumo do exercício da prática leitora. Restando ao contexto escolar estabelecer esse acesso.

No ambiente de ensino e aprendizagem, o aluno deve ser visto como o sujeito que participa e interage do meio social, ficando evidente que o mesmo leva para escola uma leitura de mundo, seja nos vocabulários, interações e vivência. (FREIRE, 1989). Portanto a escola não deve desconsiderar tal fato, mas ampliar as leituras já existentes com as outras presentes no meio educacional, trabalhando textos e temas que os alunos aprendam com mais facilidade, pois subentende-se que haja uma certa familiaridade, partindo do simples para os textos mais complexos, assim contribuindo para a formação de um leitor mais ativo e proficiente.

De acordo com Silva (2003, p.515):

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – ainda é uma prática que precisa ser mais efetivada no espaço escolar. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Contudo, na prática essa noção parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares.

A leitura quando é descontextualizada com a realidade do educando torna-se geralmente em uma atividade chata, cansativa e sem sentido, pois o aluno não consegue compreender o que lê, assim não aproveitando o texto em sua plenitude. A esse respeito FREIRE (1989, p. 13) define que “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

[...]”. O sujeito é um ser social, político e cultural, portanto suas experiências cotidianas afetarão diretamente em seu aprendizado em sala de aula.

Cabe ao professor criar situações que favoreçam a prática da leitura literária com obras literárias que despertem o prazer e o gosto pela mesma, selecionando obras significativas à realidade do aluno. Torna-se necessário que o docente tenha esse cuidado antes de inserir a literatura no contexto educacional, pois é essencial uma visão criteriosa na escolha e aplicação dos textos literários, para que a leitura venha possibilitar ao indivíduo uma maneira de construir o conhecimento pela leitura crítica da realidade e constituir um instrumento de ação contra a hegemonia, o qual permite a população uma maneira de exercer sua condição de cidadão.

Pela relação ficção e realidade, a literatura se apresenta como um espaço de encontro entre a vida e a criação, em que o leitor vai se apropriando de experiências alheias, provocando um entrecruzar de vozes. Neste processo de enriquecimento mútuo, a leitura deixa de ser a mera repetição ou reprodução de significados institucionalizados, passa-se a constituir em dinâmica viva, democrática e produtiva, levando à concretização de um ou mais circuitos de leitura em sala de aula e, talvez em toda comunidade escolar vozes e construindo um novo olhar sobre o que faz de nós humanos.

3. LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão em relação ao percurso histórico da literatura infanto-juvenil, é necessário compreendermos algumas considerações acerca da concepção da criança que se tinha na época e seu avanço ao longo do tempo, ressaltando como elas eram vistas e tratadas diante da sociedade ao perpassar dos séculos. Segundo ARIÉS (1986, p.50), sobre a infância:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.

Assim como apontado Ariés (1986), nessa época a infância ainda era desconhecida pela sociedade medieval, o que demonstra que não existia uma intenção voltada diretamente à infância, direcionada ao mundo infantil. As crianças recebiam quase o mesmo tratamento que os adultos, se vestiam, trabalhavam e eram tratadas conforme um adulto na sociedade. Assim, “A criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação” (CADEMARTORI, 2006).

No século XVII, a sociedade era fortemente patriarcal e relativamente influenciada pela doutrina crista da igreja, fazia-se existente no contexto da realidade europeia, e ditava como as pessoas deveriam agir e educar seus filhos, sendo o comportamento mais sensato e correto na época, da criança ser educada com base na religião rígida. A partir desse contexto, surgem os primeiros tratados de pedagogia com fins religiosos escritos pelos protestantes, no qual o escritor Fénelon trouxe as primeiras histórias direcionadas as crianças com a função de educá-las moralmente, utilizadas como meio de instrução e ensino.

Segundo Silva (2009), a literatura infantil tem sua origem em meados do século XVII, na França, a partir das obras de Charles Perrault, considerado o pioneiro da

literatura infantil, e pela obra de caráter didático de Fénelon. Nessa perspectiva, para conseguir firmar uma literatura que fosse conveniente para as crianças, já que não havia uma literatura propriamente dita e adequada para esse público, o escritor Charles Perrault, através das narrativas populares já existentes e direcionadas ao público adulto, as modificou, criando adaptações viáveis para ao público infantil, trazendo fantasia e encantamento e chamando a atenção dos leitores de todas as idades.

As histórias originais sofreram adaptações por possuírem passagens com conteúdo inapropriado para as crianças, com conteúdo incestuoso, canibalismo e violência, sendo necessário sofrer algumas alterações pra se tornarem mais adequadas e politicamente corretas aos ambientes sociais, abordando de maneira sutil a realidade vivenciada e os contextos sociais da sociedade, além de abordar valores constituintes da classe burguesa. Zilberman (2003, p.41), comenta:

[...] a origem da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

Podemos compreender que o período em questão foi uma época demarcada por tratar dos princípios da moralidade e ideais da burguesia da elite em seus textos, os quais constituíram a literatura infantil. Assim sendo, essa literatura surgiu na sociedade em meio a intensas transformações sociais que se consolidavam na Europa.

Essa visão relacionada à infância começa a mudar a partir do século XVIII. Este é o período em que a criança começa a receber um tratamento diferenciado, sendo tratada de acordo com suas necessidades e características próprias, passando a ser concebida com um ser frágil, inocente e dependente do adulto e, recebendo uma educação demarcada de acordo com a sua idade, de modo que a preparasse para a vida adulta. De acordo com Coelho (Apud NASCIMENTO, 2006, p.18):

Dentro desse processo renovador, a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos para a sua formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual. E os novos conceitos de Vida, Educação e Cultura abrem caminho para os novos e ainda tateantes procedimentos na área pedagógica e na literária. Pode-se dizer que é nesse momento que a criança entra como um valor a ser levado em consideração no processo social e no contexto humano. (...) Nos rastros dessa descoberta da criança, surge também a preocupação com a literatura que lhe serviria para leitura, isto é, para a sua informação sobre os mais diferentes conhecimentos e para a formação de sua mente e personalidade (segundo os objetivos pedagógicos do momento).

A humanidade sempre buscou refletir, criar, imaginar, encantar-se, descobrir-se, expressar-se, levando em consideração que a literatura pode ter como referente a própria representação da realidade. Nesse campo, capaz de construir uma reflexão criticamente sobre as diversas situações na sociedade, há espaço para a expressão do fantástico, do extraordinário, do encantador, que trazem à tona o desejo, aspirações, sonhos, imaginação e mistérios da humanidade.

Do ponto de vista conceitual, segundo o crítico Candido (2006. P. 62), a literatura é:

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade.

Assim, a literatura tendo como uma de suas funções a representação do real, um dos pontos de partida para a criação do ficcional acontece por meio da modificação e do acréscimo de elementos, cujo objetivo é a obtenção, a articulação de determinados efeitos estéticos à linguagem dada às obras literárias.

A literatura infantil e juvenil encanta o mundo do leitor por possibilitar o fantástico, a emoção, em um processo em que a realidade e a fantasia se misturam na descoberta de um novo mundo. Abordando em seu contexto temas sociais e críticas pertinentes de acordo com a realidade, esta literatura tende a contribuir na construção de conhecimentos e na formação de cidadãos mais críticos e reflexivos perante o meio social em que estejam inseridos. Segundo COELHO (1991, p. 05) destaca que essa literatura contribui com a:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Assim, a literatura infantil e juvenil tem um papel relevante na construção do desenvolvimento crítico dos indivíduos e no incentivo ao hábito da leitura reflexiva, por despertar nos leitores o interesse e a vontade da prática leitora. Além de ser uma rica fonte de conhecimentos, a obra literária infantil e juvenil possibilita aos leitores uma reflexão do texto lido, agregando à sua própria realidade, além de proporcionar emoções e prazer.

Nesse sentido, esse tipo de literatura desempenha um importante papel na formação social, cultural e intelectual dos indivíduos, contribuindo de maneira ampla no desenvolvimento da personalidade. Entretanto, apesar de todos os benefícios resultantes do hábito da leitura de obras infantil e juvenil, nem sempre ela é bem utilizada nos currículos escolares, embora os estudiosos da área destaquem a sua relevância para a formação do sujeito:

Os espaços restritos que a literatura infantil e infanto-juvenil encontram no sistema educacional são, também, reflexo da precariedade em que se encontra a totalidade do processo de formação de leitores críticos em nosso país. Oportunizar, em primeira instância, a leitura de obras dentro deste contexto e, em outras instâncias, a discussão sobre a importância desta tarefa deve, portanto, ser elemento essencial na formação de profissionais da área da educação. Compreender a importância da iniciação do sujeito no mundo literário, por meio da exploração da literatura infantil e infanto-juvenil, é lançar boas sementes num solo fértil, que, no futuro, revelará frutos como a criticidade, o engajamento social e político, a consciência de que todo ser humano é agente histórico – elementos constituintes das ações de um leitor crítico, transformador do meio pela capacidade de compreensão e pelo domínio do poder da palavra como construtora de discursos. (FLECK, 2007, p. 25).

Desse modo, a escola é um espaço privilegiado, pois é um ambiente onde ocorrem muitos contatos com textos para que o indivíduo amplie suas relações com diversas leituras, assim como o contato com muitas obras da literatura infanto-juvenil. Esse acesso proporcionará aos leitores em formação as primeiras impressões significativas com a fantasia, e encantamento nos textos literários escritos, além de propiciar no desenvolvimento de habilidades e competências da prática leitora e no hábito da leitura.

Nesse viés, é papel da escola apresentar os indivíduos a esse universo da literatura infantil e infanto-juvenil, despertando o interesse e a curiosidade do leitor, formando indivíduos críticos conscientes da realidade vivenciada na sociedade e de suas ações no meio social.

Segundo Cunha (1987), no Brasil, os primeiros indícios de vestígios da literatura infantil surgiram com obras pedagógicas adaptadas de produções portuguesas com intenções meramente pedagógicas, com a finalidade de ensinar e educar moralmente as crianças. Após isso a literatura infantil brasileira perdurou por muito tempo ligada a cultura europeia, visto que não havia uma criação propriamente nacional, os autores apenas traduziam textos e produziam as obras literárias baseadas conforme as produções da Europa.

Esse contexto só começa a mudar a partir das primeiras décadas do século XX, momento em que surge José Renato Monteiro Lobato, escritor considerado precursor da literatura infantil brasileira. Lobato desenvolveu obras com características típicas do país, buscando referenciar os costumes e a cultura de um povo, abordando temas e questões de interesses sociais da época, retratando a partir de um olhar crítico a situação histórica em que suas obras eram produzidas.

Monteiro lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. (CADEMARTORI, 2006, p. 51)

A literatura de Monteiro Lobato além de despertar sensações, emoções, encantar e despertar a atenção e a imaginação, busca conscientizar criticamente o leitor, através de suas obras que abordam de maneira significativa situações socioeconômicas e políticas do país, denunciando questões da realidade humana por meio da literatura.

A partir da década de 70, a literatura infantil se populariza entre os leitores, tanto na faixa etária de crianças, quanto para os adultos, a partir de então passou a ser muito requisitada nas instituições escolares, como ferramenta de aprendizagem e ensino, sendo considerado um vasto e rico material de incentivo, capaz de despertar o gosto e o prazer pela leitura.

Foi nesse momento também que surgiram outros nomes na literatura infantil, diversos escritores inspirados e incentivados pelas obras de Lobato trouxeram à tona suas excelentes obras destinadas ao público infantil. Composto este cenário, produções nacionais e estrangeiras da literatura infantil e juvenil, cada um com seu estilo e características próprias, tornaram cada vez mais rico e diversificado o acervo destinado ao público leitor no país. A obra em estudo, *O Mágico de Oz*, pode ser encontrada em várias edições traduzidas no Brasil. Uma das primeiras edições traduzidas para a língua materna, ocorreu no ano de 1969, pela editora Ediouro, que rapidamente obteve grande aceitação do público leitor. Nesse estudo, estamos

trabalhando com a publicação de 2013, pela editora Zahar, uma edição de bolso. A referida obra, por sua leitura fácil e fluida e por trazer uma rica ilustração com belas gravuras, tende a encantar o leitor com sua narrativa fantástica e maravilhosa, trazendo ensinamentos da condição humana, valores existentes e implícitos nos personagens, gerando empatia aos leitores.

4. O FANTÁSTICO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A literatura fantástica é um gênero literário que tem como característica a narração de fatos racionalmente inexplicáveis, com a presença de elementos do imaginário que transcende a realidade humana, podendo conter elementos sobrenaturais, mágicos ou mitológicos, de maneira que os acontecimentos presentes no seu enredo misturem-se com a realidade e perpassem uma “verdade” real ao leitor. “O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário [...] (TODOROV, 1981, p.16).

O fantástico tem suas origens entre meados do século XVIII, entretanto, de acordo com vários estudiosos, a literatura anterior a esse período, já era considerada fantástica, pois os textos não tinham a característica de narrar fatos reais, portanto, era comum a existência nas obras literárias, elementos característicos do fantástico. “Velhas como o medo, as ficções fantásticas são anteriores à literatura. As assombrações povoam todas as literaturas [...]. (CASARES, 1965, Apud REZENDE, 2008, p. 28).

Nesse sentido, podemos afirmar que o fantástico é um gênero muito antigo e, muitas vezes, utilizado nas narrativas como recurso para entretenimento do público leitor. No entanto, o termo literatura fantástica somente passou a ser utilizado a partir do século XIX, período no qual escritores do gênero literário fantástico começaram a utilizá-lo como meio para relatar e expor acontecimentos e problemas existentes na sociedade. Devido a isso, “a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social” (SILVA; LOURENÇO, 2010, p.02).

Com essa nova abordagem, o fantástico ganhou uma nova roupagem, deixando em segundo plano os elementos do sobrenatural, do terror, do medo, e adentrando na categoria do realismo fantástico, do maravilhoso. Desse modo, houve uma mistura dos elementos da realidade cotidiana da sociedade com os elementos do universo ficcional, do extraordinário e do fantástico, havendo uma naturalização dos aspectos ficcionais existentes combinados com as noções da realidade humana:

[...] o fantástico foi sendo paulatinamente depurado ao longo do século XIX até chegar ao século XX com um arsenal narrativo mais sutil, enredos mais condensados, escritura mais requintada. Seu campo temático, porém, foi abandonando a rápida sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas mais complexas que o aproximam do mito e do símbolo. (VOLOBUEF, 2000, p. 109).

Segundo Coalla (1994, apud VOLOBUEF, 2000), a literatura fantástica nunca deixa de procurar novas formas de expressão e temas, ou seja, não tornou - se estanque, pois está sempre evoluindo, abordando cada vez mais conteúdos e temáticas da sociedade de forma crítica e reflexiva. Em fins do século XVIII e início do século XIX, era exigida a existência de aspectos sobrenaturais que remetessem ao terror e ao medo no gênero fantástico, já no final do século XIX, o foco passou a ser a dimensão psicológica, no qual há uma substituição do sobrenatural nas narrativas

pelos aspectos produzidos pela loucura: alucinações e pesadelos, enquanto que no século XX, o fantástico tem como foco a incoerência entre os elementos do cotidiano.

[...] um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 1981, p.15)

A impossibilidade de explicar um acontecimento regido por leis desconhecidas do mundo real, desse modo, a essência do fantástico seria a presença da hesitação, indecisão, por parte do leitor na narrativa, numa tentativa de explicação entre o natural e o sobrenatural, o real e o imaginário. Sendo assim, se o leitor consegue encontrar uma explicação para os fatos inexplicáveis da narrativa esse efeito do fantástico consequentemente desaparece, o que implica dizer que posteriormente surge um outro gênero.

Segundo Todorov (1981, p.16), “um gênero se define sempre com relação aos gêneros que lhe são próximos”. Dessa forma a partir do gênero literário fantástico surgem novos subgêneros: o fantástico estranho, o fantástico maravilhoso e o maravilhoso puro.

O primeiro subgênero, designado como o fantástico estranho “Os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional”. (TODOROV, 1981, p. 25). Nesse subgênero, os acontecimentos presentes na narração de ordem sobrenatural conseguem encontrar, ao final da história, uma explicação, seja através dos aspectos da ilusão ou da imaginação.

Dentro do campo do fantástico maravilhoso, “Estes relatos [...] pelo fato mesmo de ficar inexplicados, não racionalizados, sugere-nos, em efeito, a existência do sobrenatural”. (TODOROV, 1981, p. 29). Nesse subgênero, as narrativas se apresentam como fantásticas, no entanto, os acontecimentos são explicados ao final da história por razões apontadas, entendidas como sobrenaturais.

No caso do maravilhoso puro, “os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito” (TODOROV, 1981, p. 30). No maravilhoso puro, os elementos presentes na narrativa, desde seres animados ou inanimados, como bruxas ou animais falantes, não conseguem provocar no leitor dúvidas referentes a sua existência ou não.

Ao se pensar em literatura fantástica, o gênero literário que desde suas origens até os dias atuais possui ligação com a fantasia é a literatura infantil. O exemplo dessa ligação está relacionado aos contos de fadas fantásticos, gênero textual caracterizado pela presença de elementos extraordinários, inexplicáveis e sobrenaturais relacionados a elementos da realidade, com a presença de acontecimentos que extrapolam os limites do real e contrariam as leis naturais. Em sua narrativa, são abordados os comportamentos humanos e reflexões sobre as temáticas postas em evidência na sociedade.

O conto fantástico, portanto, consiste num gênero textual narrativo de cunho literário que alia o fantástico e o real; liga-se à ficção e à realidade. Nesse gênero, os eventos inusitados, estranhos, incomuns ou aparentemente sobrenaturais surpreendem o leitor, pois o texto faz com que o indivíduo mantenha a noção da realidade presente em todos os momentos. (MARINELLO, 2009, p. 05)

Uma das características fundamentais para a concretização do fantástico no contexto da narrativa do conto seria a hesitação do leitor diante dos acontecimentos, dos fatos narrados e do mundo aos quais os personagens pertencem, sendo assim, os indivíduos devem decidir se os fatos observados fazem parte da realidade ou de elementos inexplicáveis, que contrariam as leis naturais. De modo que revela uma realidade não lógica, apresentada dentro de uma lógica. O narrador expõe um acontecimento fantástico de tal maneira que o leitor imerge no mundo das personagens e tem uma percepção ambígua dos fatos. (MARINELLO, 2009).

Por abordar temáticas diversas relacionadas à realidade da sociedade, os contos fantásticos exercem uma grande contribuição e influência na construção de valores e personalidade dos indivíduos, formando seres mais humanizados e conscientes de suas atitudes, que sabem posicionar-se criticamente diante de situações e assuntos debatidos no meio social em que vivem. “Os contos, nas suas formas orais, literárias, permitiram a crianças e adultos conceber estratégias para se posicionarem no mundo e compreender o que os rodeiam”. (TRAÇA, 1998, p. 35).

Nesse contexto, o conto fantástico tende a possibilitar um papel transformador nos sujeitos leitores, que passam a enxergar as pessoas e o mundo que os rodeiam de diferentes maneiras, incentivando na construção do pensamento crítico e reflexivo dos indivíduos e no seu papel na sociedade, enquanto cidadão.

5. A LITERATURA SOB O VIÉS DO MARAVILHOSO

Podemos encontrar nos estudos de Todorov (1981), algumas reflexões acerca do maravilhoso. Este ocorre quando os acontecimentos que não fazem parte do mundo real dos homens se manifestam de forma natural, contradizendo as leis da natureza; portanto, o sobrenatural e o improvável de acontecer, tornam-se possíveis, sendo naturalizados na narrativa e aceitos pelo leitor.

O citado autor ainda propõe a existência de algumas variedades do gênero maravilhoso que estão divididos em: maravilhoso hiperbólico, maravilhoso exótico, maravilhoso instrumental e maravilhoso cientista ou ficção científica, cada um com suas especificidades. Quanto à cada uma delas, destacamos:

Primeiramente, no maravilhoso hiperbólico, os fenômenos são considerados sobrenaturais por suas dimensões intencionalmente exageradas na maneira de expressar-se, sendo esse o tipo de sobrenatural que menos violenta a razão. No maravilhoso exótico, são relatados acontecimentos sobrenaturais, de acordo com o ambiente desconhecido onde ocorrem; no entanto, os acontecimentos são situados de forma natural na narrativa, e o receptor implícito como desconhece as regiões onde são narrados os fatos, posteriormente não possui motivos para gerar dúvidas a respeito dos relatos.

A terceira variedade, o maravilhoso instrumental, se caracteriza pela utilização de técnicas e instrumentos mágicos impossíveis e inatingíveis dentro da realidade, porém acabam sendo possíveis por meio do maravilhoso mundo das histórias. A quarta variedade do maravilhoso é o maravilhoso cientista ou ficção científica, como é conhecida nos dias atuais, explicado através dos fenômenos racionais, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece, sendo considerada também como um subgênero de antecipação por trazer elementos técnicos inexistentes numa sociedade que poderiam acontecer num futuro próximo.

Assim, os contos de fadas geralmente são associados a uma das variedades do maravilhoso, embora não devido à natureza do sobrenatural, mas sim a uma certa escritura. No entanto, o maravilhoso apresenta elementos diversificados, o que possibilita que seja uma literatura voltada a um diversificado público leitor, não apenas ao infantil, o que o diferencia do conto de fadas. Segundo Todorov, “em realidade, o conto de fadas não é mais que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma” (TODOROV, 1981, p. 30).

Os contos maravilhosos são narrativas desenvolvidas num cenário mágico e imaginário com a aparição de monstros, de bruxas, de fadas, de objetos mágicos e outros seres extraordinários. É uma narrativa que permite ao leitor adentrar num mundo de fantasia e magia, caracterizadas pela presença de elementos do maravilhoso e por abordar temas sociais relevantes na sociedade.

O estudioso russo Propp (2001), em meados do século XX, desenvolveu um estudo em torno do conto maravilhoso a fim de defini-lo a partir das funções desempenhadas pelos personagens na narrativa. Ele aponta em seus estudos que ações ou funções iguais são atribuídas a diferentes personagens em várias histórias, ou seja, nesse tipo de gênero as ações e funções dos personagens permanecem iguais em diferentes narrativas, o que muda apenas são os nomes das personagens e o meio em que ocorre a trama.

Ainda de acordo com seus estudos, Propp afirma que o gênero maravilhoso é a expressão da vida, sendo assim, sua estrutura seria o reflexo da condição humana, tais como a precariedade humana, valores, anseios e dúvidas, etc. dos problemas vivenciados, evidenciando, muitas vezes, problemas de natureza socioeconômica e de sobrevivência relacionados a vivência prática do sujeito.

O conto maravilhoso se destaca por trabalhar com temáticas do contexto social, evidenciando a realidade socioeconômica, além de se voltar aos conflitos interiores que acontecem com o sujeito na busca por uma solução. Além disso, proporciona aos sujeitos leitores o seu despertar da consciência crítica e reflexiva. Aspectos estes comuns de se observar na obra “O Mágico de Oz”.

6. AUTOR E OBRA: FRANK BAUM E O MÁGICO DE OZ

O autor norte-americano Lyman Frank Baum (1856-1919), natural da pequena vila de Chittenango, no estado de Nova York, é autor de inúmeras obras, e tornou-se mundialmente conhecido com a publicação do clássico da literatura infantil *O mágico de Oz*² - sucesso entre crianças, jovens e adultos até os dias atuais, imortalizado em várias versões e adaptações tanto em livro, como para o cinema e o teatro, tendo suas obras traduzidas em diferentes idiomas.

No decorrer de sua vida, Baum dedicou-se a inúmeras vocações, iniciando sua carreira como jornalista, logo depois se aventurou em diferentes áreas profissionais, posteriormente, concentrou-se na carreira de escritor, dando ênfase na literatura infantil. Na infância, era uma criança de imaginação bastante fértil, que sempre demonstrou grande interesse pelo universo da escrita.

Na fase adulta, Frank Baum começou a trabalhar nos negócios da família, o que, conseqüentemente, o fazia ficar muito tempo distante da esposa e filhos, nessas

² BAUM, L. Frank. *O mágico de Oz*. Tradução de Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

circunstâncias adversas, Baum adorava desfrutar do prazer dos pequenos momentos na companhia dos filhos, em que ele lhes contava histórias criadas e reinventadas por ele mesmo. Nessas circunstâncias a fim de dedicar mais tempo aos filhos, em 1897 lançou sua primeira obra infantil *Mamãe ganso em prosa*” e no ano de 1900 lançou a obra literária que marcou toda uma geração.

A obra: *O Mágico de Oz* é um clássico da literatura infantil, escrito no final do século XX e criado como um novo tipo de conto de fadas, tinha como objetivo agradar o público atual, sendo considerado um conto de fadas moderno, no qual os elementos do maravilhoso e do fantástico são mantidos e os episódios cruéis são descartados, além de abordar temáticas relevantes, aliados aos valores humanos e ideais da sociedade norte-americana.

O autor L. Frank Baum escrevia seus textos especialmente para crianças, no entanto, sua escrita possui uma linguagem não infantil e suas narrativas apresentam características que agradam também o público jovem e adulto. Baum trouxe uma nova concepção de escrita em suas narrativas, defendendo a criação de histórias mais leves, desprovidas de violência, característico das narrativas antigas, desse modo, suas histórias deveriam apenas divertir e não assustar.

O folclore, as lendas, os mitos e os contos de fadas têm acompanhado as crianças através dos tempos, pois todo jovem saudável sente um amor instintivo por histórias fantásticas, maravilhosas e manifestamente irreais [...] a história do *O Mágico de Oz* foi escrita apenas para o prazer das crianças de hoje. Pretende ser um conto de fadas modernizado, em que a admiração e a alegria se conservam e os sofrimentos e pesadelos são deixados de fora. (BAUM, 2013, p. 09).

Quanto à obra *O Mágico de Oz*, narra a história da pequena órfã Dorothy Gale que vivia com seus tios e um cachorro chamado Totó, numa fazenda no estado do Kansas, nos Estados Unidos. Num certo dia, um ciclone atinge a casa de Dorothy, e, enquanto seus tios conseguem se abrigar no porão, Dorothy e seu cachorro se atrasam e ficam para trás, sendo levados por muito tempo pelos ares até chegarem na terra de Oz. Estando lá, a menina encontra-se com a bruxa boa do Norte, chamada Glinda, que lhe explica como havia matado a Bruxa Malvada do Leste ao aterrissar com sua casa em cima desta. Após toda a argumentação em torno da história, Dorothy é presenteada pela bruxa boa com sapatinhos prateados mágicos; além disso, Glinda lhe dá um beijo na testa como forma de mantê-la segura e protegida do mal durante seu percurso em direção à Cidade das Esmeraldas, destino onde a menina deseja chegar para se encontrar com o todo poderoso mágico de Oz, que promete ser o único capaz de lhe ajudar a voltar para seu lar.

Durante sua jornada em direção a Cidade das Esmeraldas, Dorothy encontra alguns companheiros de viagem inusitados, pelo caminho: um Espantalho, que deseja ter um cérebro; um Lenhador de lata que deseja possuir um coração e um Leão covarde, que deseja ter coragem. Os três seguem o mesmo destino, em direção a Cidade das Esmeraldas, local onde vive o Mágico de Oz, em busca da realização de seus desejos. A partir daí, enfrentam muitos perigos, diversos desafios e vivem grandes aventuras, os quais contribuem no aprender a superar os seus próprios medos.

É a partir das falas dos personagens que observamos as representações simbólicas relacionadas aos valores humanos, aspectos estes que seguem no ponto a seguir.

7. OS VALORES NO MUNDO DE OZ PARA O LEITOR

A leitura literária, pela sua natureza conteudística, tende a atribuir ensinamentos e valores para o leitor, ou seja, o leitor aprende enquanto lê, somando novos conhecimentos aos já existentes, construídos a partir de outros textos. Assim, é possível observar, na obra *O magico de Oz*, as possibilidades do exercício da leitura crítica no que diz respeito a representatividade dos personagens na trama, através da linguagem simbólica, principalmente em torno dos valores humanos.

No decorrer da obra, os personagens partem em uma busca de algo que preencha seu vazio existencial, alguma coisa que lhes traga felicidade. Porém fica claro que procuram por algo já existente neles próprios. Nesse processo, concorrem a sensibilidade do pensamento, a reflexão do autoconhecimento, do raciocínio crítico e reflexivo. Assim, ao leitor é apresentado alguns dos valores existentes no meio social, os quais são necessários na formação do caráter do sujeito.

Dessa maneira, a leitura literária permite que o leitor possa transportar-se para os acontecimentos vivenciados em uma história, por oras colocando-se no papel de um personagem ou interagindo com eles, em suas aventuras e conflitos, tornando-o capaz de conseguir captar os sentidos, sentimentos, dúvidas, deslumbramentos, etc.

Assim é fundamental que se aponte para o literário no sentido de possibilitar a reflexão sobre sua capacidade de formar valores e inserir o leitor num processo de compromisso engajamento existenciais, sobretudo avaliando aspectos que provocam a busca interior de significado pela vida (CAVALCANTI, 2005, p. 22).

Claramente expressos na narrativa, os aspectos valorativos, no mínimo, pautam ensinamentos e situações que, certamente, ajudarão os leitores em reflexões no sentido de melhor discernir como se comportar em futuros eventuais conflitos.

Na narrativa de *O mágico de Oz*, os personagens Dorothy, o leão, o espantalho e o homem de lata, partem juntos numa jornada de busca e realizações, passando por diversas provações e obstáculos para conseguirem conquistar aquilo que buscavam e necessitavam, num processo contínuo de amadurecimento.

– Eu vou procurar o grande Oz para lhe pedir um cérebro – lembrou o Espantalho. – Porque a minha cabeça é recheada de palha.
 – E eu vou pedir um coração – disse o Lenhador de Lata.
 – E eu vou pedir que ele mande Totó e eu de volta para o Kansas – completou Dorothy.
 – E vocês acham que Oz podia me dar coragem? – perguntou o Leão covarde. – E então o pequeno grupo se pôs de novo a caminho [...]. (BAUM, 2013, p. 33).

Cada personagem revela ao leitor algum ensinamento, um coração, para amar e sentir emoções; um cérebro, para pensar e transmitir ideias como os homens; a coragem, para enfrentar os perigos e desafios; e o poder da escolha e o autoconhecimento; como meio de conseguir voltar para casa, para sua família.

Coelho (2002, p.82), destaca que:

Dizemos que é realista (ou mimética) quando ela reproduz uma experiência vivida (ou passível de ser vivida) no mundo real cotidiano ou natural que é o nosso. É simbólica (ou metafórica) quando expressa uma realidade X, querendo significar uma realidade Y. Isto é, trata-se de uma linguagem

figurada que fala por imagens e assim comunicam de maneira concreta ideias abstratas (COELHO, 2002, p. 82).

Podemos dizer que, nesse contexto, através da linguagem simbólica, os personagens e imagens de uma obra literária se comunicam e interagem com os leitores, trazendo consigo o ensinamento de valores vivenciados pelo personagem e capazes de serem relacionados às atitudes e experiências humanas.

Inicialmente, temos como personagem principal da narrativa, Dorothy Gale, menina doce e corajosa, que inicia uma aventura quando sua casa é levada por um ciclone, fazendo-a sair do mundo real e indo parar em um mundo mágico e maravilhoso. “[...] Dorothy era uma garota inocente e inofensiva, que tinha sido arrastada por um ciclone para muito longe de casa, e nunca tinha matado nada e nem ninguém a vida inteira”. (BAUM, 2013, p. 14).

Apesar do ambiente “cinza e triste”, ou seja, hostil e desfavorável em que vivia com seus familiares, a menina mostrava-se alegre, gostava de se divertir. Tal atitude deixava sua família surpresa e assustada com a capacidade que ela tinha de se manter nesse ânimo considerando a depreciação do lugar que viviam. “ Era Totó quem fazia Dorothy rir, e não deixava a menina crescer tão cinzenta quanto tudo que existia à sua volta [...]” (BAUM, 2013, p. 10).

De repente, em um mundo totalmente diferente de onde ela veio, a menina se depara com uma nova realidade contrária ao que ela conhecia, o que a deixa assustada e ao mesmo tempo maravilhada. Simbolicamente, revela-se ao leitor o desejo inconsciente dela em viver em um lugar oposto à sua realidade:

Deu um gritinho de espanto e correu os olhos ao redor, olhos que se arregalavam cada vez mais com as coisas incríveis que contemplavam. O ciclone tinha depositado a casa com grande delicadeza – na medida em que um ciclone pode ser delicado – no meio de um campo de uma beleza extraordinária. Havia lindos trechos de relvado verde à toda volta, com árvores imponentes carregadas de frutos coloridos e saborosos. Tufos de flores cresciam de todo lado, e aves de plumagem rara e brilhante cantavam e agitavam as asas nos ramos de árvores e arbustos. Um pouco mais adiante ficava um riacho, que corria e cintilava entre margens verdes, murmurando com uma voz que soava muito grata para uma menina que tinha vivido tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas. [...] devorava com os olhos aquelas estranhas e magníficas paisagens [...] (BAUM, 2013, p. 13).

A personagem Dorothy, durante seu percurso encontra as figuras peculiares (o leão, o espantalho e o homem de lata), os quais a acompanham-na numa aventura mágica e perigosa. Com essa união, inicia-se a construção de uma linda amizade entre o grupo que se une em busca da realização de superações e motivações específicas. A partir desse momento, Dorothy, em sua jornada, busca seus objetivos interiores e exteriores, conduzindo-a na construção do seu autoconhecimento:

– Não entendo como você pode querer ir embora deste lindo lugar e voltar para a terra seca e cinzenta que você chama de Kansas. – Isso porque você não tem cérebro – respondeu a garota. – Por mais que as nossas casas sejam tristes e cinzentas, nós, as pessoas de carne e osso, preferimos viver nelas do que em qualquer outro lugar, mesmo o mais lindo do mundo. Não existe lugar igual à casa da gente. (BAUM, 2013, p. 23).

No decorrer da história, a personagem passa por várias situações, gradativamente, que a fazem experimentar diversas emoções, necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, alguns marcadas de alegria, outros de tristeza, de medo ou

de angústia; sentimentos estes que proporcionam aos leitores sentir empatia por ela. Essas situações vivenciadas com os seus novos amigos lhe possibilita o seu amadurecimento pessoal, assim como os deles, o que permite que ela consiga ajudá-los em seus problemas e a se redescobrir, entendendo a importância da família e do lar.

O segundo personagem em destaque é o espantalho, figura que surge logo no início da aventura. Sendo este libertado por Dorothy, decide seguir viagem com a menina, rumo ao reino das Esmeraldas para o encontro com o poderoso mágico. O espantalho, em conversa com a menina Dorothy, demonstrou bastante incomodado por não possuir um cérebro, pois, sem ter um considerava-se sem inteligência e apenas alguém com inteligência poderia ser tido como um homem de bem numa sociedade:

– A verdade é que não; não sei de nada. É que eu sou recheado de palha, e por isso não tenho cérebro [...] – O fato é que eu não me incomodo de ter as pernas, o corpo e os braços recheados de palha, porque assim eu não me machuco. Se alguém pisar no meu pé ou me enfiar um alfinete, não faz diferença, porque eu não sinto nada. Mas não quero que as pessoas digam que eu sou burro, e se a minha cabeça continuar recheada de palha em vez de miolos, como a sua, como é que eu vou conseguir aprender alguma coisa? (BAUM, 2013, p. 21).

No entanto, o que podemos observar, durante a narrativa referente a esse fato, é que há uma controvérsia, visto que o espantalho se revela ser a cabeça do grupo, atuando diretamente na formulação dos planos e de diversas ideias para ajudar a seu grupo nos conflitos que surgiam. Isso implica dizer que ele apenas acreditava que não possuía um cérebro, mas, que, na verdade, demonstrava bastante inteligência nos momentos de dificuldade:

[...] Os amigos chegaram a um novo abismo atravessado na estrada. Dessa vez, era tão largo e tão profundo que na mesma hora o Leão viu que não conseguiria pular para o outro lado. Então se sentaram para decidir o que iam fazer, e depois de pensar muito o Espantalho disse: – Ali temos uma árvore bem alta, crescendo ao lado do fosso. Se o Lenhador de Lata conseguir derrubar a árvore e fazê-la cair para o lado certo, poderemos atravessar por cima dela com a maior facilidade. – Uma ideia de primeira – disse o Leão. – Até parece que você tem miolos na cabeça, em vez de palha (BAUM, 2013, p. 37).

Nesse contexto, podemos afirmar, com clareza, que o espantalho representa a inteligência. Valor que é demonstrado por seu personagem durante toda a história, uma vez que ele todo momento ajuda os amigos a saírem das enrascadas nas quais se encontravam, apresentando grandes ideias, dignas de um líder, com calma e clareza em seus argumentos:

– Você não precisa. A cada dia você aprende uma coisa nova. Um bebê tem cérebro, mas não sabe muita coisa. A experiência é a única coisa que traz o conhecimento, e quanto mais tempo você passa na terra, mais experiência você acumula. (BAUM, 2013, p. 82).

Desse modo, o que se observa é uma grande evolução no desenvolvimento do personagem, ao descobrir que os valores que sempre buscou já estavam interiorizados em si próprio. De fato, o que lhe faltava era enxergar isso, sendo preciso recorrer ao mágico de Oz para alcançar o seu desejo. Nessa busca, o personagem

teve que passar por adversidades e conflitos, para descobrir-se como um ser pensante, inteligente e digno de orgulho, conquistando, assim, a importante função de governar a cidade das Esmeraldas.

Quanto ao Homem de lata, personagem da aventura fantástica, ao ser encontrado por Dorothy, que já estava em sua jornada ao reino das Esmeraldas, pede ajuda a menina. Em instantes, revela como se transformou naquela figura, deixando-a fascinada. O personagem logo expressou seu maior desejo, um coração, para que possa tornar-se um homem de verdade, desse modo ele poderia voltar, novamente, a experimentar a sensação de vivenciar sentimentos e emoções:

Foram tempos terríveis, mas durante o ano que passei ali tive tempo para pensar que a maior perda que eu sofri foi a do meu coração. Enquanto eu estava apaixonado era o homem mais feliz do mundo; mas ninguém pode amar sem um coração, e por isso resolvi pedir a Oz que me dê um coração novo. (BAUM, 2013, p. 30).

O personagem representa, no decorrer da narrativa, ser um ser sensível e emocional, o que gera uma reflexão e um conflito interno do seu desejo e suas atitudes, pois ele acredita ser, alguém sem coração, sem sentimentos. Entretanto, suas atitudes e ações denotam um ser totalmente diferente aquilo que ele se autodenomina, demonstrando constantemente demonstrações de comoção e afeição, ou seja, o personagem não tinha a consciência do quanto ele é sensível, emotivo e apaixonado pela vida:

Num certo momento, o Lenhador de Lata pisou num besouro que caminhava pela estrada e matou a pobre criaturinha. E isso o deixou muito infeliz, pois sempre tomava o maior cuidado para não ferir nenhuma criatura viva. Pelo resto do caminho, ele derramou muitas lágrimas de tristeza e arrependimento. As lágrimas corriam devagar pelo seu rosto, passando pelas juntas da sua boca, que ficaram enferrujadas. (BAUM, 2013, p. 33).

Essa atitude do Homem de lata nos leva a entender que, mesmo ele não se reconhecendo como um ser com sentimentos, com um coração, ele apresenta todas essas características do emocional do afetivo. Sua condição de não ser de carne e osso, como os homens, não o impede de sentir as sensações do amor, de amar o próximo, a seus amigos.

Tal situação permite ao leitor uma reflexão sobre a condição humana, no que se referem às pessoas que se assemelham visualmente ao “homem de lata”, secos, aparentemente sem um coração, mas que no fundo são pessoas de boa índole, de coração puro, que ajudam ao seu próximo sem segundas intenções ou sem julgar o outro. Assim também é possível enxergar aquelas pessoas que, para o mundo, são pessoas que possuem verdadeiramente um coração, mas, no entanto, esquecem que tem um, tornando-se pessoas totalmente egoístas e sem compaixão para com o próximo. Assim, esse personagem também revela ao leitor a ideia de que não se deve julgar apenas pelas aparências.

O Homem de lata, nesse contexto, representa o sentimento de amor ao próximo, da empatia, da gratidão, da compaixão, presentes em toda a obra. Este é grato pelo gesto de compaixão que Dorothy teve com ele, ajudando-o quando ele precisou ser lubrificado, impedindo-o de ficar esquecido no meio da estrada pra sempre. Assim, reconhecendo a boa ação, passa a ser grato com seu amor e fiel amizade.

[...] ele não cansava de agradecer pela sua libertação, pois dava a impressão de ser uma criatura muito bem-educada, e um homem muito grato. – Eu podia ter ficado ali para sempre na mesma posição, [...] vocês sem dúvida salvaram a minha vida. (BAUM, 2013, p. 28).

O último personagem desse grupo aventureiro, o Leão, apresentado na trama como covarde, se encontra com Dorothy e os outros personagens ao tentar demonstrar sua ferocidade, porém acaba se assumindo como um mero covarde. Por essa razão, decide seguir viagem com o grupo de aventureiros, seguindo o propósito de conseguir ter coragem, valor esse que seria a solução do seu problema:

Todos os outros animais da floresta esperavam naturalmente que eu fosse corajoso, porque em toda parte acreditam que o Leão é o Rei dos Animais. E então aprendi que, se eu rugisse bem alto, todas as outras criaturas se assustavam e saíam do meu caminho. Toda vez que eu encontrava um homem morria de medo; mas rugia para ele, e ele sempre saía correndo para o mais longe que conseguia. Se um elefante, um tigre ou um urso resolvesse me enfrentar, eu é que sairia correndo, de tão covarde que eu sou. (BAUM, 2013, p. 32).

Apesar do leão ser uma figura que represente a força, o poder, por ser considerado o rei da selva, ele não apresenta as características concernentes a esse papel; apresentando-se como menor e mais frágil diante dos outros animais. No entanto, ao longo da narrativa, quando pressionado e por imposição do mágico de Oz, o Leão, junto com seus amigos, enfrenta a Bruxa Má do Oeste, para assim serem concedidos seus desejos. O personagem realiza diversas demonstrações de coragem, enfrentando uma série de perigos e adversidades, vencendo os seus próprios medos:

Despediu-se dos seus camaradas e marchou orgulhoso para combater o inimigo. A aranha imensa estava dormindo quando o Leão a encontrou, e era tão feia que o Leão torceu o nariz de repulsa. Suas pernas eram mesmo do comprimento que o tigre tinha dito, e seu corpo era coberto de grossos pelos negros. Tinha uma boca enorme, com uma fileira de dentes afiados medindo um palmo e meio cada um; mas sua cabeça se juntava ao corpo robusto por um pescoço fino como uma cintura de vespa. Isto deu uma ideia ao Leão sobre a melhor maneira de atacar a criatura, e como sabia que era mais fácil atacá-la antes que acordasse, deu um grande salto e caiu direto nas costas do monstro. Então, com um único golpe da sua forte pata, armada de garras afiadas, separou a cabeça do corpo da aranha. Pulando de volta para o chão, ficou olhando enquanto as pernas compridas paravam de se agitar, e finalmente concluiu que o monstro estava bem morto. O Leão voltou para a clareira onde os animais da floresta estavam esperando a sua volta e disse, com grande orgulho: – Não precisam mais ter medo desse inimigo (BAUM, 2013, p. 100).

Nessa passagem citada, o leitor percebe que apesar do perigo e do medo, presentes na situação retratada, o leão decide enfrentar a criatura monstruosa que ameaçava o bem comum dos animais da selva, e solucionar o problema. Nessa situação, o leão, pensando com clareza, descobriu a melhor maneira de conseguir vencer o problema, demonstrando ao leitor que é importante pensar na situação antes de agir e que a inteligência também é um recurso eficaz pra conseguirmos enfrentar um obstáculo.

Outra motivação exposta pra enfrentar os próprios medos é o amor por algo ou alguém, o que nos impulsiona a ter um ato de coragem. Um exemplo dado pelo leão, que queria ser reconhecido como rei da floresta e ganhar toda a admiração e respeito

dos animais ao decidir, por essa razão, enfrentar o perigo. Este, após conquistar a tão almejada coragem, reconhece que Dorothy foi muito importante nesse processo de conquista e que as situações adversas o impulsionaram a conseguir a coragem dentro de si. Esse entendimento de autoconhecimento de encontrar em si o que desejava o fortificou, admitindo que tais adversidades e a ajuda dos seus amigos foram essenciais para o seu desenvolvimento pessoal:

– Eu sei que você tem muita coragem – respondeu Oz. – Só precisa é de confiança em si mesmo. Não existe criatura viva que não sinta medo quando se vê diante do perigo. A verdadeira coragem consiste em enfrentar o perigo mesmo com medo, e esse tipo de coragem você tem de sobra. (BAUM, 2013, p. 82).

O medo é uma simbologia muito presente na trama. Este é um sentimento que faz parte da vida do ser humano, por isso é normal senti-lo. Contudo, fica claro que é importante que se possa enfrentá-lo. Nesse processo, poder contar com a ajuda de quem você ama, é fundamental no sentido de até tornar-se mais fácil passar pelos conflitos.

Todos os personagens, desde Dorothy, o Espantalho, o Homem de lata, e o Leão representam, em suas atitudes, valores incontestáveis e fundamentais à vida. No exercício de leitura, estes acabam por exercer uma importante contribuição na formação do caráter do sujeito leitor. Para tanto, é necessário um exercício de reflexão sobre esses comportamentos. Verificar o quanto a jornada vivenciada levou ao amadurecimento da menina e dos demais personagens que venceram seus problemas existenciais, num processo de construção do autoconhecimento. Após a sua jornada, Dorothy conseguiu retornar as suas raízes, junto com sua família, já não sendo a mesma ao chegar no “mundo de Oz”.

Para o leitor atual, imerso em um mundo tecnológico em que muitos valores acabam sendo dispersos pelas inúmeras possibilidades, muito das vezes, estar exposto a um conjunto de valores é complicado decidir entre o que se quer, o que se deve e o que se pode fazer. Assim, ter contato com um texto literário que põe questões em torno do comportamento humano pode ser uma oportunidade de desenvolver a capacidade de refletir e discernir entre o aceitar o errado como certo ou simplesmente se omitir a perceber isso ou a reagir diante de tais fatos. De modo que o processo de reflexão requer amadurecimento para fins de uma visão crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo parte da ideia de que a literatura é imprescindível, desde a mais tenra idade, isso porque o texto literário, por ser linguagem, muito pode auxiliar no processo de formação de uma leitura que se busca compreender a mensagem em foco e suas possibilidades de sentido.

No decorrer desta pesquisa realizada acerca das representações simbólicas voltadas para os valores humanos presentes na obra *O Mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum, buscamos verificar, ainda que de forma incipiente, as contribuições desses valores e representações no desenvolvimento do senso crítico e refletivo do sujeito leitor em formação. Isso porque o monumento literário veicula além de conhecimentos, ensinamentos e valores bastante significativos, permitindo que o leitor interaja com aquilo que ler.

A obra literária em questão é uma mostra do quanto é de significativa importância textos do gênero fantástico e do maravilhoso no campo da literatura infantil e juvenil, uma vez que possibilita abordar temáticas relacionadas à realidade da sociedade, além de se voltar aos conflitos interiores que acontecem com o sujeito.

O clima maravilhoso da trama associado ao surgimento dos conflitos interiores das personagens a buscarem por soluções frente às situações adversas, permitem que o leitor possa despertar a consciência crítica e reflexiva no sentido de observar o quanto o autoconhecimento é a chave de toda mudança. De modo que a jornada em busca dos valores atrelados simbolicamente à coragem, ao cérebro e ao coração só se completa e todos os seus desejos são atendidos quando estes veem que os valores atribuídos a estes sempre estiverem em seu interior.

Quanto ao exercício de leitura, é fato que o sujeito leitor em formação interage mais facilmente com os textos que trazem algo significativo para eles, considerando que são seres que interagem socialmente. Os valores representados simbolicamente, através dos personagens, como companheirismo, a amizade, o medo e a coragem, o amor e a inteligência, estão presentes nas relações de interação social, logo os leitores tendem a associar essas novas leituras às que já possuem, de modo que, dessa maneira, o texto tem mais impacto e eficácia na reflexão crítica do sujeito.

Por essa, razão vemos o quanto uma obra literária pode ser significativa na educação de leitores, uma vez que representarem ser um instrumento por meio do qual os leitores tornam-se capazes de observar e realizar leituras mais complexas. Desse modo, é visível o quanto os acontecimentos de uma narrativa contribuem no amadurecimento intelectual e crítico do sujeito que as lê, observando os valores e mensagens implícitas nas entrelinhas da história, agregando experiências de leituras. Os aspectos abordados revelam o quanto a obra em questão concebe ao leitor várias possibilidades de interpretação, permitindo uma nova visão acerca dos comportamentos adotados assim como dos valores humanos em destaque.

Por fim, em um contexto em que se requer que o processo de leitura deixe de ser a mera repetição ou reprodução de significados institucionalizados e passa a constituir em dinâmica viva, democrática e produtiva, a literatura infantil e juvenil, nas suas várias versões, tem muito a contribuir.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução de Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. p. 171-193. 2011.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **E foram felizes para sempre: releitura dos contos de fadas uma abordagem psicocrítica.** Recife: Prazer de Ler, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo.** 4. ed. Ática, 1991.

_____. **Literatura Infanto-juvenil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2002.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática.** 6 ed. São Paulo: Ática, 1987.
FLECK, G.F. **O papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor.** Revista Língua & Literatura – volume 10- p. 13-27- julho de 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/ Paulo Freire.** – 23ª edição. – São Paulo, Cortez, 1989.

LOURENÇO, D. S; SILVA, L. C. F. **O gênero literário fantástico: considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras.** In: Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 26 a 29 de outubro de 2010, Campo Mourão – PR. Anais do V Encontro de Produção Científica e Tecnológica. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2010.

MARINELLO, A. F. **O Gênero Textual Conto Fantástico.** 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_genero_textual_conto_fantastico.pdf. Acesso em: 17 de jul. 2021.

NASCIMENTO, Z. E. V. **A importância da literatura no desenvolvimento infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de professores em exercício da região de Metropolitana de Campinas. (PROESF). – Campinas, SP: [s.n], 2006.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso.** Ed. CopyMarket.com, 2001.

REZENDE, Irene Severina. **O fantástico no conceito sócio - cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique).** 2008. 241 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar.** In: Melhores Teses e Dissertações., 5., 2003, João Pessoa. Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar. João Pessoa: PG Letras UFPB, 2003. v. 1, p. 514-527.

SILVA, Gerson Pindaíba da. **A Importância da Leitura para a Formação Social.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Vol. 01. pp 540-549, abril de 2017. ISSN:2448-0959

SILVA, Aline Luiza da. **Trajatória Da Literatura Infantil: Da Origem Histórica e do Conceito Mercadológico ao Caráter Pedagógico na Atualidade.** REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866, [S.I.], v. 2, n. 2,

jul/dez-2009.ISSN:1984-7866. Disponível em:
<<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Primeira edição: 1980, Segunda edição: 1981. Premia editora de livros S.A. Versão brasileira a partir do espanhol: DIGITAL SOURCE. Disponível em:
https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica. Acesso em: 19 de ago. 2021.

TRAÇA, Maria Emília. **O Fio da Memória – Do Conto Popular ao Conto para Crianças**. Porto: Porto Editora, 1998.

VOLOBUEF, Karin. **Uma leitura do fantástico**: A invenção de morel (A.B. Casares) e o processo (F. KAFKA). Revista Letras, Curitiba, n.53, p. 109-123. jan/jun - 2000. Editora da UFPR.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global. 2003.